



AS PRINCIPAIS DIVISÕES DA FILOSOFIA: UM RESUMO PARA ESTUDANTES

THE MAIN DIVISIONS OF PHILOSOPHY: A SUMMARY FOR STUDENTS

LAS PRINCIPALES DIVISIONES DE LA FILOSOFÍA: UN RESUMEN PARA ESTUDIANTES

Eduardo Rueda Neto¹

e432801

<https://doi.org/10.47820/recima21.v4i3.2801>

PUBLICADO: 03/2023

RESUMO

O presente artigo, de caráter mais pedagógico do que científico, tem como objetivo fornecer aos estudantes de Filosofia uma apresentação panorâmica e concisa das principais divisões da Filosofia. Sem nenhuma pretensão de aprofundamento, antes visando justamente à simplicidade, o texto — à maneira de um pequeno ensaio de natureza mais descritiva do que opinativa — foi planejado com o propósito de facilitar ao estudante um resumo útil que permita uma introdução ou complementação de seus estudos e o instigue à posterior ampliação dos horizontes do tema. No trajeto percorrido, verificou-se que a Filosofia é uma área extremamente ampla, que abarca, em sua gênese, todos os ramos do conhecimento, de modo que defini-la ou segmentá-la não constitui tarefa de pouca dificuldade. Entretanto, constatou-se que sua divisão em Metafísica, Epistemologia, Axiologia e Lógica é suficiente para fornecer um arcabouço conceitual em que se abriguem e se encaixem os conceitos com os quais lida a Filosofia.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Metafísica. Epistemologia. Axiologia. Lógica.

ABSTRACT

This article, more pedagogical than scientific, aims to provide Philosophy students with a panoramic and concise presentation of the main divisions of Philosophy. Without going into the matter in detail, rather aiming precisely at simplicity, the text—in the manner of a short essay of a more descriptive than opinionated nature—was planned with the purpose of offering the student a useful summary that makes it possible to introduce or complement his studies and instigate him to expand even more the horizons of the theme. Along the path covered here, it was verified that Philosophy is an extremely vast area, which encompasses, in its genesis, all branches of knowledge, so that defining and segmenting it are not a task of little difficulty. However, it was found that its division into Metaphysics, Epistemology, Axiology and Logic is sufficient to provide a conceptual framework in which the concepts dealt with by Philosophy can be housed and fitted.

KEYWORDS: Philosophy. Metaphysics. Epistemology. Axiology. Logic.

RESUMEN

El presente artículo, de carácter más pedagógico que científico, tiene como objetivo proporcionar a los estudiantes de Filosofía una presentación panorámica y concisa de las principales divisiones de la Filosofía. Sin ninguna pretensión de profundización, antes buscando justamente la simplicidad, el texto—a la manera de un pequeño ensayo de naturaleza más descriptiva que opinativa—fue planeado con el propósito de facilitar al estudiante un resumen útil que permita una introducción o complementación de sus estudios y lo instigue a la posterior ampliación de los horizontes del tema. En el trayecto recorrido, se verificó que la Filosofía es un área extremadamente amplia, que abarca, en su génesis, todas las ramas del conocimiento, de modo que definirla o segmentarla no constituye una tarea de poca dificultad. Sin embargo, se constató que su división en Metafísica, Epistemología, Axiología y Lógica es suficiente para proporcionar un marco conceptual en el que se refugien y encajen los conceptos con los que trata la Filosofía.

PALABRAS CLAVE: Filosofía. Metafísica. Epistemología. Axiología. Lógica.

¹ Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.



INTRODUÇÃO

Definir o que é a Filosofia não é nada fácil. Parte desse problema se deve ao fato de que a Filosofia pode ser considerada a mãe de todas as ciências. Num passado distante, quando o conhecimento humano ainda não estava dividido em tantas áreas como hoje (Física, Biologia, Matemática, Psicologia, Direito etc.), a busca pela sabedoria e a ânsia de entender os mistérios do Universo tinham um nome só: Filosofia (que significa “amor pela sabedoria”). Dizem que quem cunhou esse termo foi o famoso filósofo e matemático Pitágoras, que viveu há aproximadamente 2.500 anos. Depois, quando cada parte da Filosofia foi ganhando nome próprio e autonomia como ciência, restou para ela o trabalho de refletir sobre o que sobrou: os fundamentos, aquilo que embasa toda a realidade e todo o conhecimento. Na verdade, a Filosofia sempre se preocupou com isso, desde os seus primórdios. Assim, grosso modo, pode-se afirmar que a Filosofia é a ciência que estuda as questões fundamentais da existência. Sim, de fato, isso ainda é bastante teórico e amplo, mas é a definição mais simples a que conseguimos chegar.

Algumas das inúmeras perguntas às quais a Filosofia procura responder são: O que é a existência? Qual é a essência das coisas? O que é a verdade e como conhecê-la? Quem sou eu? Quem é o outro? Qual é o jeito certo de viver? O que realmente tem valor? O que é a beleza e o que significa ser belo? A Filosofia se divide em muitas áreas. Diferentes autores organizam os ramos da Filosofia em listas que podem variar, mas o seu “núcleo duro” é composto basicamente pela Metafísica, Epistemologia, Axiologia (que se bifurca em Ética e Estética) e Lógica. Todos os demais ramos, de uma forma ou de outra, acabam se relacionando com esses quatro eixos. Além dessas artérias, outras veias da Filosofia são: Filosofia Política, Filosofia da Ciência, Filosofia da Linguagem, Filosofia da Religião, Filosofia da História, Filosofia do Direito, entre muitas outras disciplinas. Toda essa variedade de subdivisões se dá pelo fato de que — lembre-se — a Filosofia estuda os fundamentos de toda a realidade, o que faz com que toda matéria que se propõe a apresentar a base de determinado conhecimento inevitavelmente recorra à Filosofia.

Este artigo abordará de forma bastante sucinta as quatro principais divisões da Filosofia, para que o estudante que está dando os seus primeiros passos nessa área do conhecimento possa ter uma visão panorâmica desse saber tão rico e amplo. O propósito não é trazer uma explicação detalhada, mas apenas um “aperitivo”, uma noção geral que facilite a compreensão e estimule o aprofundamento nos estudos. Para tornar a leitura mais fluida e sintética, optou-se por não se fazerem citações. As obras usadas como referência podem ser conferidas ao final do documento.

METAFÍSICA: EM BUSCA DA ESSÊNCIA

Um dos ramos mais instigantes da Filosofia e, para muitos, o principal é a Metafísica. Etimologicamente, a palavra significa “além da Física” e era uma referência à posição que os livros de Aristóteles (4º século a.C.) sobre o assunto ocupavam, depois de seus livros sobre a natureza física, na organização feita pelo filósofo Andrônico de Rodes (1º século a.C.). Por conseguinte, o



RECIMA21 — REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

AS PRINCIPAIS DIVISÕES DA FILOSOFIA: UM RESUMO PARA ESTUDANTES
Eduardo Rueda Neto

termo passou a designar a reflexão sobre aquilo que está além da Física, isto é, que transcende a experiência dos nossos sentidos. Resumidamente, a Metafísica se preocupa com a essência das coisas, da realidade como um todo. E o que é essência? É o que há de mais básico, mais elementar em algo (por isso, Aristóteles chamava a Metafísica de “filosofia primeira”). Por essa razão, também, a Metafísica se confunde muitas vezes com a principal das suas vertentes, a Ontologia, a qual estuda especificamente a natureza do “ser”, isto é, o que significa existir e como funciona a existência (das coisas, das pessoas etc.). Uma vez que a Metafísica mergulha nas questões mais profundas da realidade, ela também se confunde frequentemente com a própria Filosofia como um todo. E essa profundidade com que a Metafísica vasculha a essência das coisas faz com que ela, naturalmente, questione-se também a respeito da possibilidade da existência de Deus e de entidades suprassensíveis, como, por exemplo, a alma humana. Além da Ontologia, pode-se colocar sob o guarda-chuva da Metafísica também a Cosmologia, a Teologia e a Antropologia Filosóficas.

A Ontologia, como já mencionado, lida com a natureza do ser ou da existência, isto é, ela estuda o ser enquanto ser, buscando compreender qual é a base de tudo que existe (de forma física ou não física). A Ontologia lida com algumas dicotomias como, por exemplo, o contraste entre uma visão monista da realidade (a ideia de que toda a realidade é composta por um só elemento, que se particulariza nos múltiplos objetos que vemos) e uma visão dualista (que defende que a realidade é composta por um plano material e outro espiritual) ou uma visão pluralista (a concepção de que a realidade é composta de diferentes substâncias, ao invés de um único elemento). Outra oposição tratada pela Ontologia é a que existe entre materialismo (o entendimento de que toda a realidade é essencialmente material) e o idealismo (a compreensão de que a realidade é essencialmente composta por algo imaterial, como as ideias, por exemplo). Há também a questão do devir ou “vir a ser”, isto é, o constante movimento de transformação pela qual as coisas passam no Universo. Quem admite que tudo no mundo muda (como Heráclito, filósofo do 5º século a.C., que afirmava que não se pode mergulhar no mesmo rio duas vezes) pode ser classificado como mobilista; e quem crê no contrário (como Parmênides, contemporâneo de Heráclito, que, por meio de um complicado raciocínio, chegava à conclusão de que o movimento é mera ilusão) pode ser chamado de imobilista. Esses são apenas alguns dos numerosos temas abordados e debatidos pela Ontologia.

Estando atualmente ligada à Astronomia e Astrofísica, a Cosmologia, por sua vez, é também uma disciplina metafísica. Muito antes dos astrônomos e astrofísicos, eram os filósofos, mais especificamente os pré-socráticos, que, descartando as antigas cosmogonias (explicações mitológicas para o surgimento do mundo natural) se ocupavam desse campo do saber, que explora o cosmos e especula a respeito de sua origem. A Cosmologia Filosófica faz perguntas do tipo: Como o Universo surgiu? Por que ele existe? Há ordem e propósito no Universo? Qual é a natureza do tempo e do espaço? Todas essas questões são feitas tendo em vista a relação do cosmos com o ser humano, uma vez que o objetivo é não apenas entender o Universo como conjunto de tudo que existe, mas, principalmente, compreender de que modo as respostas obtidas afetam a vida humana e a leitura que fazemos da realidade.



Semelhantemente, a Teologia Filosófica se questiona sobre a possibilidade da existência de Deus ou deuses, procurando evidências disso por vias racionais, em vez de se fundamentar no livro sagrado de alguma religião específica, como geralmente ocorre com o estudo religioso da Teologia. Ao longo da história da Filosofia, a figura de Deus foi concebida de diferentes maneiras. Platão e Aristóteles, por exemplo, à semelhança de Xenófanos (5º século a.C.), pareciam não ver sentido na grande multiplicidade de deuses que havia em sua cultura. Eles preferiam conceber um único Ser supremo, uma espécie de “divindade filosófica”, que representava o sumo Bem e regia todas as coisas. É importante ressaltar que esse Deus único aceito por aqueles sábios do passado, embora tenha muitos pontos de semelhança com o Deus bíblico, era bem diferente, pois era impessoal e distante — um “motor imóvel”, para usar o conceito aristotélico.

A parte da Teologia Filosófica que examina os argumentos a favor da existência de Deus (como é o caso das famosas “cinco vias” de Tomás de Aquino, importante filósofo medieval) é chamada de Teodiceia. A Teologia Filosófica também procura entender os atributos de Deus e sua relação com o mundo, assim como a existência do mal — que alguns consideram incompatível com a existência de um Deus totalmente bom e todo-poderoso. Em resposta às perguntas levantadas pela Teologia Filosófica, adotam-se diferentes posturas. Segundo o ateísmo, Deus (ou deuses) não existe(m). Para o panteísmo, Deus e o Universo são uma só coisa. Conforme o deísmo, Deus é o criador do Universo, mas não interage com ele. Para os teístas, porém, Deus existe e interage pessoalmente com sua criação. Os politeístas, por fim, acreditam em numerosos deuses ou espíritos que regem o cosmos.

Tão importante quanto a Teologia Filosófica é a Antropologia Filosófica. Se a primeira se preocupa com perguntas de caráter transcendente relativas à existência de Deus e, por conseguinte, do sobrenatural, a última se concentra no ser humano e nas questões pertinentes à sua existência e experiência no mundo. Assim como outras disciplinas tratadas aqui, a Antropologia também ganhou *status* próprio e constitui uma ciência independente. Mas a Antropologia Filosófica pode ser considerada um olhar para o homem do ponto de vista metafísico, isto é, investigando sua essência e tudo que se relaciona com ela. Cabe à Antropologia Filosófica questionar sobre em que consiste a natureza humana, ou seja, o que realmente nos constitui seres humanos. A essa disciplina interessa saber também qual é a origem do ser humano, qual é a relação entre mente e corpo, qual é o estado moral da humanidade — somos bons ou maus por natureza? —, até que ponto somos verdadeiramente livres, por que sofremos e como experimentamos o sofrimento, qual é o sentido da vida, qual é a relação do homem com o mundo ao seu redor etc.

Uma vez que se concentra nas estruturas fundamentais do ser humano, a Antropologia Filosófica se volta, na maior parte do tempo, para a subjetividade, para a interioridade, e filosofa a partir do “eu”, embora não ignore a figura do “outro”. Essa concentração no “eu” desembocará, em algum momento da história da Filosofia, no chamado existencialismo, corrente filosófica que lê o mundo a partir das experiências do próprio ser humano — com seus dilemas, angústias e conflitos —, num olhar de dentro para fora, e não o contrário, conforme a filosofia tradicional. Por causa desse



foco na subjetividade, muitas vezes, dentro da Antropologia Filosófica, faz-se referência também ao que se denomina Psicologia Filosófica, que se ocupa em refletir filosoficamente, sobretudo, acerca do que se processa na alma ou mente humana.

EPISTEMOLOGIA: A TEORIA DO CONHECIMENTO

Saindo da Metafísica, entra-se na Epistemologia, apesar de que as duas áreas têm muita coisa em comum, de modo que, em muitos aspectos, elas se sobrepõem, pois compartilham questionamentos muito parecidos ou afins. Epistemologia significa “teoria do conhecimento” e é o ramo da Filosofia que trata da natureza, das origens e da validade do conhecimento. Eis algumas das perguntas sobras as quais se debruça a Epistemologia: A realidade pode ser conhecida? Como a conhecemos? O que é a verdade? Ela é relativa ou absoluta? É fixa ou mutável? É subjetiva ou objetiva? Quais são as fontes e os limites do conhecimento? Que fontes são válidas e quais não o são? Para responder a essas questões, geralmente se articulam as respostas ao redor de dois polos: o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível. Em outras palavras, o fenômeno do conhecimento se dá no encontro entre o ente com a capacidade de conhecer (cognoscente) e a coisa a ser conhecida (cognoscível). Com respeito à possibilidade de se atingir o conhecimento do objeto cognoscível, geralmente adotam-se certas posturas como o dogmatismo (que entende ser possível conhecer a verdade absoluta de forma indiscutível), o ceticismo (que nega a possibilidade de se alcançar a verdade e, assim, duvida de tudo) e o agnosticismo (que entende ser em vão a busca por conhecer “a coisa em si”, ou seja, as coisas como elas realmente são, principalmente no que se refere à possibilidade da existência de Deus e do sobrenatural, pelo fato de que não se pode provar tais coisas de maneira empírica).

Quanto ao conceito de verdade, embora acirradamente discutido ao longo dos séculos e até aos dias de hoje, uma das definições mais clássicas e aceitas é a da teoria da correspondência (que também inclui o fator evidência), teoria segundo a qual algo é verdadeiro se, e somente se, corresponde a um fato, à realidade, tal como se mostra à nossa razão. Desse ponto de vista, falsidade ou inverdade seria simplesmente aquilo que não corresponde à realidade, que não se encaixa nos fatos. Fala-se também da verdade como sendo sinônimo de coerência ou, sob uma ótica pragmática, como aquilo que produz bons resultados ou resultados vantajosos. Entretanto, essas definições parecem não ser tão satisfatórias como a velha teoria da correspondência. Mas a verdade é relativa ou absoluta? Essa é uma longa discussão; entretanto, em síntese, pode-se dizer que o relativismo não combina com a teoria da correspondência e, levado ao extremo, tornaria qualquer realização impraticável, pois não haveria certeza de nada.

Outro aspecto importante da Epistemologia diz respeito às fontes do conhecimento. Por quais meios é possível obter conhecimento da realidade? Um debate bastante antigo na Filosofia se refere à oposição entre empirismo e racionalismo. Para os empiristas, todo conhecimento passa pela experiência, e sem a experimentação da realidade através dos sentidos não é possível que a mente produza qualquer informação. Os racionalistas, por outro lado, afirmam que a razão é a fonte



primordial de conhecimento e que é possível chegar à verdade através do raciocínio lógico, da dedução e da indução (modos de raciocinar, do geral para o específico e vice-versa), bem como a partir das ideias inatas (conhecimentos com os quais, segundo os racionalistas, todos nós nascemos). Para solucionar o impasse entre racionalismo e empirismo, o filósofo Immanuel Kant (século 18) procurou fazer uma síntese entre ambas as formas de entender o processo de obtenção do conhecimento. Em resumo, ele propôs que, sim, adquirimos conhecimento pelas vias dos sentidos (*a posteriori*), mas as informações que assim obtemos se “encaixam” em categorias e intuições já existentes em nossa mente (*a priori*). Essas categorias envolvem critérios de quantidade, qualidade, relação e modalidade.

Para além da razão, da experiência e outros meios não mencionados aqui, a Filosofia da Religião leva em conta também outro tipo de fonte para o conhecimento: a revelação. Religiões como o judaísmo, o cristianismo e o islamismo se baseiam naquilo que consideram ter sido a revelação de Deus a seus fundadores. Tal revelação teria sido materializada sob a forma de livros sagrados, e dessas escrituras os adeptos das referidas religiões extraem todo o seu cabedal de conhecimento dogmático. Esse tipo de conhecimento, em geral, é aceito pela fé, não podendo ser comprovado empiricamente. Entretanto, muitas das crenças teológicas oriundas da revelação contam com bons argumentos racionais, como tem demonstrado a Apologética Cristã, um ramo da Teologia Cristã afim à Filosofia.

AXIOLOGIA: VALORANDO OS VALORES

Outra das principais vertentes da Filosofia é a Axiologia, que significa literalmente “estudo dos valores”. Seus dois ramos principais são a Ética e a Estética. Ambos lidam com elementos considerados importantes e até mesmo essenciais para o bem-estar ou harmonia em termos gerais. A Ética se preocupa com os valores morais assim como a Estética com os valores relacionados à noção de beleza. A Ética procura responder a perguntas como: Qual é a maneira certa de viver? Como distinguir o certo e o errado? Os valores éticos ou morais são absolutos ou relativos? Existem valores universais? Os fins justificam os meios? O que deve constituir a base da ética humana?

Para entender completamente o conceito de ética é preciso saber também o que significa moral. Embora alguns acreditem que a diferença entre as duas coisas seja meramente de ordem linguística, de modo que ambos os termos possam ser usados de forma intercambiável, uma distinção bastante difundida entende que a ética é mais ampla que a moral, sendo esta mais específica e aplicada. Segundo essa compreensão, a ética lida com princípios universais e atemporais, enquanto a moral representa as normas de conduta locais e temporais de um determinado grupo ou indivíduo. Enquanto a moral está mais relacionada às ações de certo e errado dentro de uma determinada cultura, a ética reflete sobre o bem e o mal, o bom e o ruim, de maneira mais abrangente. É ética é, portanto, mais teórica; a moral, mais prática. A moral aplica a ética. Enquanto a ética se eleva como a ciência do bom comportamento, a moral desce ao nível da pragmática e lida com o conjunto de normas aceitas pela sociedade e que regulam o agir humano.



Ética e moral devem caminhar juntas a fim de que o comportamento das pessoas em sociedade possa redundar num estado de máxima harmonia e bem-estar individual e coletivo. Cabe ressaltar aqui o fato de que, assim como o relativismo epistemológico levado às últimas consequências impossibilitaria a realização de qualquer ação proveitosa, semelhantemente o relativismo ético ou moral, embora muito em voga nestes tempos pós-modernos, tem o potencial de subverter os fundamentos da ordem social e da felicidade individual.

A Estética, por sua vez, também chamada às vezes de Filosofia da Arte, tem seu nome derivado de uma palavra grega que significa “percepção”, “sensação”, “apreensão pelos sentidos”. Esse ramo da Filosofia se dedica ao estudo do belo e do fenômeno artístico. Faz parte do esforço envidado pela Estética responder a questões do tipo: O que é bonito e o que é feio? De que se deve gostar? Gosto e beleza são questões objetivas ou subjetivas? A beleza está “nos olhos de quem vê”? A arte deve lidar apenas com o bom e o bonito ou deve incluir também o feio e o grotesco? A arte deve ser um fim em si mesmo ou deve ter um significado prático?

Geralmente se diz que “gosto não se discute”, e com frequência a beleza é considerada algo pessoal e subjetivo somente, como se cada ser humano pudesse decidir o que é belo ou feio segundo suas próprias preferências. No entanto, o gosto parece ser apenas um dos fatores que determinam nossa noção de beleza. De fato, o que me agrada na natureza, em uma música ou na fisionomia de alguém pode não ser o que agrada a você, e vice-versa. Entretanto, a beleza não é só questão de gosto. Um segundo fator na formação do nosso conceito de beleza é a cultura. Em determinada cultura, aprende-se que mulher bonita é magra; em outra cultura, mulher com pouca gordura denota fraqueza e falta de fertilidade. Portanto, nosso ambiente cultural também é determinante para a formação da noção de beleza que temos. O primeiro aspecto que vimos tem carga subjetiva; o segundo advém do senso comum; o último, porém, é o único fator objetivo. Comprovadamente há certos padrões geométricos, simétricos, matemáticos, entre outros, que dão aos nossos sentidos — audição, visão etc. — a ideia de harmonia e beleza, e isso não muda de cultura para cultura, nem de pessoa para pessoa. Sendo assim, pode-se dizer que existem elementos subjetivos e objetivos na beleza. Se por um lado gosto não se discute, beleza pode ser discutida, pois ela também depende de fatores externos à nossa psiquê. É nessa mescla de subjetividade e objetividade que está a graça da experiência estética, que eleva o ser humano acima de patamares meramente lógicos, mas também não independe de sua cognição.

LÓGICA: REGRAS PARA PENSAR CORRETAMENTE

A Lógica é a parte da Filosofia que visa estudar a estrutura e as regras do raciocínio correto. Ela nos ensina como tirar conclusões adequadas a partir de pensamentos válidos. É um campo do conhecimento compartilhado entre a Filosofia, a Matemática e a Ciência da Computação. A Lógica se baseia em alguns princípios fundamentais que a norteiam. Esses princípios são como regras universais que se aplicam a qualquer contexto e servem de balizas para determinar se uma afirmação é verdadeira ou falsa. De acordo com a lógica clássica, desenvolvida por Aristóteles, as



três leis elementares do pensamento lógico são: o princípio da identidade (um ser é sempre igual a si mesmo, isto é, x é sempre igual a x); o princípio da não contradição (é impossível que algo seja e não seja ao mesmo tempo, isto é, não há como x ser x e $não-x$ ao mesmo tempo); e o princípio do terceiro excluído (uma proposição sempre será falsa ou verdadeira; não existe uma terceira possibilidade, isto é, não há como ser falsa e verdadeira ao mesmo tempo). Sobre esse tripé, basicamente, apoia-se todo o edifício da lógica clássica.

Princípios elementares como esses não precisam de raciocínio para serem compreendidos, pois são autoevidentes e incontestáveis, por isso a lógica aristotélica os chama de “primeiros princípios” (também chamados de axiomas), pois servem como ponto de partida da atividade racional. Na Filosofia, essa forma de conhecimento que não se adquire pelo exercício da razão, sendo antes uma apreensão direta, recebe o nome de intuição. Alguns exemplos de verdades autoevidentes que podemos intuir: “todo triângulo tem três lados”; “ninguém pode estar em dois lugares ao mesmo tempo”; “duas linhas paralelas nunca se cruzam”; “a existência existe”; “a consciência é consciente”; “toda consequência tem uma causa, e vice-versa” etc. Um axioma, portanto, é uma afirmação necessariamente evidente, que contém a evidência em si mesma, dispensando a necessidade de demonstração. Em outras palavras, um axioma é uma verdade absoluta. Um postulado ou premissa, por outro lado, é uma afirmação tida como verdadeira, tida como certa, para iniciar um raciocínio, mesmo que não tenha nenhuma evidência em si.

A premissa é o ponto de partida de um argumento. Qualquer argumento deve partir de pelo menos uma premissa. Um argumento válido prova que sua conclusão decorre de suas premissas, mas isso não significa necessariamente que a conclusão ou as premissas sejam verdadeiras. Assim, a validade tem que ver mais com a forma de um argumento do que com veracidade dele. Se, além de válido, um argumento também for verdadeiro, ele é chamado de argumento sólido.

Aqui entra outro ponto de apoio basilar para a Lógica, também introduzido por Aristóteles e relacionado às leis fundamentais do pensamento válido: o silogismo, uma forma de raciocinar baseada na dedução (lembre-se: dedução é quando se parte do geral para o específico, ao contrário da indução). O silogismo constrói o raciocínio a partir de proposições que, como mencionado acima, são chamadas de premissas, as quais levam a uma conclusão lógica. O exemplo mais clássico e básico de silogismo é aquele que diz: “Todos os homens são mortais; Sócrates é homem; logo, Sócrates é mortal.” Por mais simples que pareça (embora não seja simples, pois há argumentos muito mais complexos do que esse), a Lógica nos moldes aristotélicos forma o substrato do pensamento ocidental e faz parte da estrutura elementar do método científico até aos dias atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste breve artigo, em texto livre, foi dada uma introdução sucinta às quatro principais vertentes da Filosofia: a Metafísica, a Epistemologia, a Axiologia (que se divide em Ética e Estética) e a Lógica. Viu-se que a Metafísica, bem como as suas subdivisões, tem como foco principal a reflexão sobre a essência das coisas. A Epistemologia, por sua vez, procura entender os fundamentos do



RECIMA21 — REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

AS PRINCIPAIS DIVISÕES DA FILOSOFIA: UM RESUMO PARA ESTUDANTES
Eduardo Rueda Neto

conhecimento, ou seja, sua origem e como ele se processa. A Axiologia se detém sobre o estudo dos valores, sobretudo os de natureza ética e estética. E a Lógica, por fim, se debruça sobre as regras que norteiam a construção de raciocínios corretos e argumentos sólidos. O propósito pedagógico deste trabalho foi prover ao aluno de Filosofia, de forma simples, uma visão panorâmica dessa área tão importante do conhecimento, com o fim de facilitar-lhe os estudos e instigar o seu posterior aprofundamento.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BOTELHO, J. F. **A odisseia da Filosofia**. São Paulo: Abril, 2015.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. 14. ed. São Paulo: Editora Ática, 2010.
- COHEN, Martin. **Filosofia para leigos**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015.
- DEWEESE, Garrett J.; MORELAND, James P. **Filosofia concisa**. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- FORTINO, C. (Ed.). **O livro da Filosofia**. São Paulo: Globo Livros, 2011.
- GEISLER, N. L.; FEINBERG, P. D. **Introdução à Filosofia**. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- JOLIVET, R. **Curso de Filosofia**. 13. ed. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1979.
- KLEINMAN, P. **Tudo o que você precisa saber sobre Filosofia**. São Paulo: Editora Gente, 2014.
- NAUGLE, D. K. **Filosofia — um guia para estudantes**. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2014.
- PADOVANI, U.; CASTAGNOLA, L. **História da Filosofia**. São Paulo: Melhoramentos, 1993.
- SÁENZ, R. G. **Historia de las doctrinas filosóficas**. 13. ed. Colima, México: Editorial Esfinge, 1981.
- SPROUL, R. C. **Filosofia para iniciantes**. São Paulo: Vida Nova, 2002.